



FRONTARIA DO MOSTEIRO DA BATALHA.

O BRAZÃO da architectura gothica em Portugal, e o mais singular entre os edificios grandiosos das Hespanhas, é o real mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamado vulgarmente *da Batalha*. É o padrão magnífico levantado á honra da religião, ao valor

portuguez, e á independencia e gloria nacional pelo defensor da patria, o monarcha cavalleiro, D. João, o primeiro do nome, e o decimo na serie dos nossos reis. Objecto de vangloria para os portuguezes, e de assombro para os estrangeiros, mereceu

que o descrevesse a elegante penna de Fr. Luiz de Sousa, que averiguasse a sua historia com vasta erudição e critica judiciosa um sabio e venerando prelado, nosso contemporaneo, e que em vinte e uma excellentes estampas o copiasse um abalisado architecto inglez. Eis-aqui como se explica o citado chronista da ordem dominicana no reino e conquistas a respeito das maravilhas de tão primorosa obra. — «Requeria esta machina, para a podermos bem representar aos olhos do leitor, obra mais de pincel que de penna, mais pintura que descripção historizada; porque toda a narração fica curta nas excellencias della, visto não podermos alcançar com a escriptura particularisar miudezas, que é cousa muito facil a quem usa de cores e sombras: sendo assim que o historiador offerece as cousas por maior, da mesma maneira que o pintor, em virtude da arte, descobre as mesmas tanto pelo miudo que em nada falta. Em prova disto tem acontecido que alguns estrangeiros, pessoas de grande juizo, que em suas terras tiveram noticia desta fabrica por narração copiosa e pontual de frades nossos, succedendo depois verem-na com seus olhos, fizeram extremos d'espanto; porque acharam lhes descobria mais a vista do que podéra referir a fama: e eram homens que tinham visto e considerado tudo o bom da Europa.» — As bellas estampas de James Murphy satisfizeram ao que tanto desejava Fr. Luiz de Sousa, mas a penna deste nosso facundo e ameno escriptor vale bem, se não o vence, o mais destro pincel; por isso quando logo tivermos d'explicar a nossa estampa nos serviremos das suas expressões, não só porque nos era impossivel descrever melhor e mais engraçadamente que Fr. Luiz de Sousa, como porque seria desairoso, por outro lado, recorrer a frases de estrangeiros, muitas vezes inexactas ou mesquinhas, para tratar assumptos nacionaes.

Na vespera da festa da Assumpção da SS.^{ma} Virgem, 14 de Agosto de 1385, estando o nosso D. João 1.^o, acompanhado de pequeno numero de portuguezes, mas fieis e valentes, para dar a memoravel batalha d'Aljubarrota contra o grande poder de elrei de Castella, D. João, tambem o 1.^o, invocou o auxilio da Mãe de Deus, e fez solemne voto de lhe erigir um templo sumptuoso, se sahisse vencedor. Derrotado completamente o exercito castelhano, intentou logo o religioso monarcha dar pleno cumprimento á sua promessa: e ainda que não pôde fixar-se a data precisa do começo da fabrica do mosteiro, comtudo tal foi o motivo da sua fundação; e, segundo a acertada conjectura do Ex.^{mo} Sr. Bispo Conde, poderemos asseverar que teve principio no anno de 1387, ou, quando muito, no de 1386. Querendo elrei levantar o edificio nos contornos do sitio onde se déra a batalha, escolheu um valle fertilizado pelo rio Lena, e comprou para esse effeito a Egas Coelho e Maria Fernandes de Meira, sua mãe, a *Quintaã do Pinhal*, sita no mesmo valle, como consta da carta de doação, que fez ao mosteiro, dada em Coimbra aos 14 de Janeiro de 1436. A quintaã abrangia o local do mosteiro, parte da cerca actual, e alguns chãos onde se fizeram as necessarias officinas para a construcção de tão grande obra. Quando os trabalhos, ou cessaram ou diminuíram, foram-se dando de aforamento estes chãos a particulares com a expressa clausula de levantarem casas, que hoje constituem a povoação.

Já se vê que da circumstancia acima mencionada procedeu a invocação do templo de *Santa Maria da Victoria*, e do mesmo modo o nome popular por que é hoje mais conhecido, assim como a villa contigua.

O primeiro architecto que dirigiu esta obra vasta e complicada foi o que traçou o edificio, o Mestre Affonso Domingues, a quem chama o chronistamór, Fr. Manuel dos Santos, *natural de Lisboa, na freguezia da Magdalena, merecedor d'eterna memoria pela capacissima idéa com que delineou a fabrica.* Parece que Mestre Ouguet fôra quem o substituiu. Acerca destes e de todos os outros mestres do Convento da Batalha deve o curioso consultar a erudita memoria do Ex.^{mo} Sr. Bispo Conde, inserta no Tom. X parte 1.^a da collecção da Academia Real das Sciencias de Lisboa, onde achará noticias sobre cada um delles, a refutação do que Murphy escreveu erroneamente a este respeito, e considerações exactas sobre os tempos e reinados em que se fizeram as differentes partes do edificio, e em summa a historia averiguada desta obra e dos seus monumentos.

Quando elrei mandou dar começo ao templo e mosteiro não tinha ainda assentado na ordem religiosa a que o doaria, a pedido porem do seu confessor Fr. Lourenço Lamprea, frade dominicano, e do Dr. João das Regras, o deu á ordem de S. Domingos por carta lavrada na cidade do Porto, a 4 d'Abril da era de 1426 [anno de Christo 1388].

A nossa estampa representa a frontaria principal do edificio. Copiaremos agora o classico escriptor Fr. Luiz de Sousa, até para que vejam muitos como n'uma historia de frades se encontram tantas noticias, e tão formoso estylo. — «Da parte de fóra da igreja ha duas entradas, uma que faz a porta principal, e outra a travessa, que toma o topo do cruzeiro fronteiro ao altar de Jesus... O portal e frontispicio da principal merecia só um livro pela qualidade da obra, se houveramos de particularisar tudo o que nella ha de columnas, de figuras, de labores e variedade de feitios, desde a primeira pedra que descobre sobre a terra até o remate, que levanta grande altura sobre a maior abobada. Porque cada palmo tem tanto que ver de delicadeza e artificio, de trabalho e magestade, que considerado com attenção impossibilita o engenho, e embota a penna, para o declararmos e se entender com todas suas partes. Só um espelho, que se abre no alto em meio do frontispicio, para dar luz dentro, parece que se não podia obrar com mais subtilidade e cuidado em trancinhas de agulha ou em lavor de cera, ou no espelho de uma viola: e quadra-lhe bem esta ultima comparação pela fóрма circular e redonda, e pela representação e miudeza do feitio. Os vãos que na viola ficam abertos para dar logar ás vozes, que fóрма no interior, ficaram cá cerrados de vidraças... debuxadas todas de côres finas e pinturas varias de armas e divisas do reino, de tenções e emprezas d'elrei. E como são muitos os vãos porque o circulo é mui dilatado, communica dentro muita claridade, e paga com a graça das côres o que ellas lhe diminuem na pureza da luz. Mas faz pasmarmos a firmeza com que se mantem obra tão miuda tantos annos ha em logar tão alto. Não espanta menos a firmeza, numero e grandeza de outras vidraças que dão luz á igreja e cruzeiro. Só no corpo da igreja abrem 30 frestas, todas tão rasgadas d'alto a baixo, e ao respeito e proporção tão largas que, em noite clara, sendo a casa tão descompassada de grande... e a luz das vidraças em parte embotada com a pintura e côres..., pôde-se estar nella não só sem pavor, mas como em meio de uma praça. Não será desagradavel declararmos a medida de algumas que fizemos tomar, para credito do que dizemos, por mão de architecto. No alto da nave do meio ha 16 frestas, a 8 por banda, que sobem 18 palmos até os

capiteis, e tem de largura 9, dividida cada uma com 2 pilares, de grossura d'um palmo cada pilar, para firmeza das vidraças. Assim ficam em cada fresta 7 palmos de vidro e luz, que, multiplicados pelos 18 d'altura, fazem 126. As duas naves tem ambas 12 frestas: 4 a do sul, em que fica encostada a capella do fundador; e 8 a contraria. Cada fresta 22 palmos d'alto e $7\frac{1}{2}$ de largo. E porque tambem são divididas a dois pilares de grossura de palmo, como as da nave do meio, ficam com $5\frac{1}{2}$ palmos de vidro, e vem a ter cada fresta por esta conta 121 palmos de abertura e luz, e outros tantos de vidraça. Da mesma altura e largura destas ha outras duas frestas, que acompanham a porta principal, uma de cada lado, e fazem o numero que dizemos de 30. E vem a ser uma tamanha quantidade de vidraças, que por cousa prodigiosa se póde ter entre as que mais espantam desta casa. Ajudam a claridade outras tres no cruzeiro, das quaes só uma que fica sobre a porta travessa sobe 42 palmos, e tem de largo 14; lavrada toda de uma artificiosa rede de pedraria, e os vãos tomados de suas vidraças. Estas com as da capella-mór e collateraes, afora o espelho do frontispicio da porta principal, que alumia por muitas, fazem a casa por extremo alegre e muito clara e bem assombrada. O que me faz cuidar que sendo assim que nesta mesma conjunção teve tambem principio o famoso templo da Sé de Milão [chamam-lhe lá *il Domo*] o qual se começou a fabricar em vida do pontifice, Urbano 6.^o, que presidiu na igreja de Deus 11 annos até o de 1389, e ficou com taxa de escuro e melancholico; deviam esmerar-se os architectos deste nosso em o fazer por contraposição em todo o extremo claro e bem assombrado. Defendem os milanezes os seus artifices, attribuindo a conselho e bom juizo o que foi defeito e culpa; e dizem que como geralmente é havido por mais grave e de mais pessoa o homem carregado e feio, assim faz mais devoção a igreja sombria e escura. Mas não me convencem, porque dando que o argumento seja verdadeiro quanto aos homens: nos templos, que são retrato do ceu, e assento da luz eterna, não parece rasão haver nenhum commercio com o horror das trevas. E tornando á historia, estão estas vidraças todas tão fortes no assento, tão crystallinas na vista, e tão vivas nas côres, que passando já de duzentos annos que servem parecem na representação obra moderna.

Cobre-se esta igreja e abobada, que já dissemos era de pedraria, com um telhado tambem de pedraria, composto de umas grandes lageas direitas e adelgadas em corpo e grossura, que ficam arremedando uns meios taboões grossos; e começando a assentar na parte inferior umas, e sobrepondo outras até o alto, fica armado um telhado immortal, que soffre sem damno e sem perigo ser passeado e corrido; e para as immundicies que os longos annos fazem crescer se varre e alimpa á vassoura. Cerca-o em roda uma grinalda de pedraria formada em lagos, e seus florões altos a espaços, com que fica como coroadado, e de toda a mais obra do alto differenciado.

« Para se poder ver e gosar esta grande machina toda por junto ha duas serventias, que do baixo da igreja levam ao mais alto do telhado della: estas são abertas na grossura do muro do cruzeiro, entrando pela porta travessa á mão esquerda; e fica uma junto da porta, outra junto ao altar de Jesus: ambas vão em caracol e com 120 degraus, que tem cada uma, vencem a maior altura. Mas alem destas ha outra subida por dentro do convento facil e suave por escadas largas e bem lançadas; e recebe a

vista particular deleitação, estendendo-se de cima por uma serra de penedia, que das serras ordinarias não differe em mais que em ser esta lavrada e polida á força da arte, e as outras informes e descompostas e ao natural: nas quaes assim como ha desigualdades, ora com valles fundos, ora com picos e rochedos que se vão ás nuvens; da mesma maneira se vêem nesta suas differenças: porque em umas partes se levanta a penedia, como na igreja, em outras abate, como no refeitorio, capitulo, e adega; logo por outra parte sobem coruchéus mui altos, e de obra tão espantosa que igualando as da natureza na eminencia, deixam-na muito atraz no que é artificial; porque vão fabricados por tal ordem que dão facil subida ao alto; mas não sem medo, pelo muito que alevantam. Destes ha tres, um que fica sobre o zimbório da capella do fundador, fazendo-lhe uma fórma de pavilhão; como o faz o zimbório á mesma capella, e é por extremo formoso, porque sobe pyramidalmente 50 palmos, e leva uma sacada em roda de 4 palmos de praça, guarnecida de seu parapecito lavrado em rede, e coroadado de umas mettas como flores de liz, o que tudo junto faz uma machina muito crespada e vistosa. Outro tem seu nascimento quasi sobre a casa que chamam da praça, entre a crasta e a sacristia, e tem de altura 63 palmos. Não faz menos representação de grandeza a torre dos sinos e relógio, conformando nella com tudo o mais do edificio. »

O interior da igreja corresponde á magestosa apparencia de todo o edificio. — « Só o corpo della [diz Sousa] desde a porta principal, que abre onde se põe o sol, e corre contra o nascente, segundo a postura das igrejas antigas, tem 300 palmos de comprimento até o primeiro degrau da capella-mór; aos quaes juntos 60, que ha deste degrau até a parede em que encosta o altar-mór, fica todo o comprimento do templo de 360 palmos: a largura é de 100 palmos... e a esta medida responde a altura na proporção da arte, que é tal que um valente braceiro chega mal tirando com uma pedra ao alto do tecto; porque como é de abobada sobe ainda grande espaço sobre as paredes, tanto quanto requer a distancia em que estriba. Assim tem de altura até o ponto mais subido da maior abobada 146 palmos. Das tres naves em que se divide a igreja tem a do meio 33 palmos de vão, e as dos lados a $21\frac{1}{2}$ cada uma. O que falta para encher a conta dos 100 palmos, que demos de largura a todo o corpo, é occupado dos pilares, que fazem divisão ás naves, que são 8 por banda: cujas bases assentadas em quadro fazem 12 palmos por cada testa. Cada nave tem sua abobada por si. As abobadas, pilares e paredes são tudo cantaria, assentada com tanto primor e cuidado que quasi querem enlear os olhos as juntas; mas se se deixam enxergar, porque não podia al ser, é tão sem offensa da arte que difficulosamente se divisa nellas signal de cal. A grossura das paredes é como a das bases dos pilares, de 12 palmos por todo. A pedraria é lavrada toda do maior polimento que a arte usa, salvo de brunido e lustrado. A qualidade da pedra toda uma, e não deve haver em toda Hespanha outra melhor para semelhantes edificios; porque quanto á côr tem um extremo de alvura, e quanto á fortaleza é bastantemente dura, sem ser demasiado aspera ao lavar. Mostra-se uma e outra cousa em que passando já de 200 annos de idade o edificio, nem a gastam o decurso e injurias do tempo, nem o que lhe tem trocado da alvura lhe tira muito da primeira graça. E acontece-lhe nesta parte o mesmo que ao rosto de um homem, que foi muito alvo, que por muito que se queime e curta

da força do sol e do ar, nunca no queimado perde de todo o signal das primeiras côres. Assim esta pedra vai tirando com a antiguidade a um tostado nada desengraçado, e não a pardo, nem escuro ou de-negrado, como vemos em outros generos de pedra.

«O cruzeiro tem de largo 30 palmos, que responde ao justo á quinta parte de todo o seu comprimento, que é de 150. As paredes do corpo do templo são todas lisas e cheias, não vasadas nem cortadas [como é ordinario em outros] com numero de capellas. Sómente na entrada da porta principal se abre á mão direita um grande arco para uma formosa quadra, da qual diremos adiante. A frontaria do cruzeiro a um e outro lado da capella-mór está dividida em quatro capellas, duas por cada banda.»

Proseguiremos nesta descripção aproveitando-nos das observações do Ex.^{mo} Sr. D. Francisco de S. Luiz, sobre os logares do chronista Sousa. — A primeira capella, a mais visinha á sachristia não tem hoje retabolo, nem altar, nem a sepultura baixa que Sousa diz ter sido jazigo d'um cardeal. Ha porem neste logar «um grande tumulo de pedra, que mostra ter tido em cada uma das tres faces da tampa dois escudos de armas, os quaes se vêem picados e apagados, com mostras de o terem sido de proposito, ou por ordem que para isso houvesse, ou por outro algum motivo.» Ignora-se quem alli jaz sepultado. Na outra capella, do lado do evangelho, está «um tumulo pequeno de marmore branco, lavrado por todas as faces de flores em relevo, e em cada face o escudo das armas reaes, assentadas sobre a cruz d'Aviz, e acompanhadas do banco de pinchar (*).» Sousa escreveu que neste monumento repousavam as cinzas da rainha D. Isabel, mulher de D. Affonso 5.^o: mas o Sr. Bispo Conde inclinase á opinião de Fr. Pedro Monteiro, que affirma ser o jazigo do principe D. João, filho daquelles reis, que fallecera sendo menino. Na capella-mór, junto ao supedaneo do altar, embutida nos degraus do mesmo, está uma arca de marmore, com dois vultos da mesma pedra em cima, que figuram elrei D. Duarte e sua mulher D. Leonor, que alli foram sepultados, com uma singela inscripção latina, que traduzida em vulgar diz assim: *Aqui jazem Duarte 1.^o, rei de Portugal e Algarves, e a rainha Leonor, sua mulher.* Na capella immediata á capella-mór, do lado da epistola, vê-se o tumulo de D. João 2.^o, onde por mais de 300 annos se conservou inteiro o corpo deste soberano; e o Sr. Bispo Conde dá testemunho de o ter visto e examinado no anno de 1809. Quando em 1810 o exercito francez invadiu o reino, a soldadesca desenfreada violou o sagrado dos tumulos, e apenas d'entre as ruinas se poderam depois salvar os restos informes do corpo do monarcha, que os religiosos de novo encerraram no antigo deposito, que mandaram reformar. Finalmente a ultima capella que fica do lado da epistola, tem seu altar de marmore lavrado de mosaico, com o retabolo da mesma obra. Affirma Fr. Luiz que elrei D. João 1.^o a doára a D. Lopo Dias de Sousa, valoroso Mestre da Ordem de Christo: o que todavia é mui duvidoso. Porem no grosso da parede desta capella, do lado da epistola, ha um arco, e dentro se levanta «o bello e magnifico mausoleu de Diogo Lopes de Sousa, conde de Miranda, e 4.^o governador da relação do Porto, obrado de mosaico, em marmore preto, que parece não ser muito antigo. Assenta sobre tres leões de bella esculptura, cujas mãos repousam sobre uns ovados de marmore preto, e tem por cima de todo o mausoleu o escudo d'ar-

(*) E' a representação d'um banco sem encosto, no escudo d'armas dos infantas, entre o baixo da coroa.

mas desta illustre familia, coroa ducal, tudo da mesma materia e artificio (*).» A inscripção que se lia neste monumento foi estragada quasi completamente pelos soldados francezes.

N'um dos topos do cruzeiro está a porta travessa, e no outro fronteiro o altar de Jesus, com um retabolo de pedra de obra moderna. Attribuem-se á celebre *Josefa d'Obidos* dois paineis que estavam [e não sabemos se ainda estão] aos lados deste altar; e ao nosso insigne pintor, o grão Vasco, os que estão no alto, ainda que a um bom conhecedor não pareceram ser daquelle grande mestre.

Não é possivel ler hoje, depois de despedaçada pelos francezes, a inscripção latina que está, ao entrar da porta travessa, na parede do lado esquerdo. Fr. Luiz de Sousa no cap. 25.^o *in fin.* diz que era uma memoria da primeira trasladação, para este templo, do corpo da rainha D. Philippa, mulher do augusto fundador.

(Continuar-se-ha).

UM FEITICEIRO.

(Chronica da Inquisição).

DA-NOS ás vezes vontade de suspirar pelos antigos tempos, em que as potencias invisiveis governavam o mundo visivel por meio de seus fieis ministros, os magicos e feiticeiros. Quasi que então chegámos a maldizer este nosso seculo das realidades, em que até descremos do mesmo que vemos e palpamos. Naquelles bons tempos não havia impossivel, que se não realisasse; nem dificuldade, que se não vencesse. Se um cavalleiro deliberava entrar n'uma arriscada empreza, logo tinha quem lhe declarasse se venturosa ou mesquinha seria a sua sorte. Se uma amante desolada morria de saudades pelo seu querido, que imprevistas circumstancias demoravam ausente a cem leguas de distancia, por intervenção d'uma fada, ou d'um feiticeiro amigo lhe era appresentado n'um abrir e fechar d'olhos; e ás sós podia saciar-se de vê-lo, e abraça-lo. Se uma inclinação não era bem correspondida; um philtro, preparado por destra mão, convertia o odio, ou a indifferença na mais decidida paixão. Finalmente esses tempos eram os tempos da esperanza; e a esperanza é só quem adoça os dissabores deste valle de lagrymas. Se mão inimiga arrancar do coração do homem a esperanza, do mesmo golpe lhe arrancará tambem a vida.

Nessa idade pois, mais rica de sentimentos que de ideas; nessa idade, em que um cavalleiro armado de ponto em branco, montado no seu corcel, seguido de seu fiel escudeiro, corria o mundo inteiro, e campeava defensor da beldade e desamparo; nessa idade, a que os que medem rigorosamente os tempos chamam *a idade media*, era o ser feiticeiro o melhor de todos os officios. Protegidos pelos reis e grandes senhores, acarinhados pelas damas, respeitados ou temidos por toda a gente, passavam vida regalada, que nenhum contratempo vinha perturbar. Mas qual impetuosa torrente, que nada deixa em seus logares; assim o tempo em seu interminavel curso transforma continuamente instituições e leis, usos e costumes. Passou a idade media, e com ella passaram os prós de ser feiticeiro. Principalmente depois da invenção da inquisição perdeu este officio cento por cento. Perseguidos como homens perigosos á fé e á sociedade, ficaram os feiticeiros sujeitos á alçada deste tribunal, cujos mysterios interiores e

(*) Vid. Mem. sobre as obras do Mosteiro da Batalha, no Tom. X. part. 1.^a das M. da Acad. R. das Sciencias, no cap. 4.^o a pag. 204 e 205.

supplices espalhavam o terror desde o mais elevado palacio até a mais humilde choupana. Hoje porem que a inquisição é já toda da historia; hoje que já ninguém aspira ás honras e privilegios de *familiar*, nem receia os tormentos e as fogueiras; deve ella ser julgada somente por seus proprios actos, e não por asserções vagas de estrangeiros mal informados, ou por declarações exaggeradas ou incompletas dos que soffreram os seus rigores. Os seus proprios actos estão registados nos seus processos, nas suas sentenças, nas suas leis e regulamentos. São estes os monumentos, que consultados a par da historia moral e politica do paiz, podem explicar a verdadeira influencia desta instituição no progresso, ou retardamento da nossa civilisação; ponto capital, que deve ser tratado com a imparcialidade d'um historiador philosopho e erudito.

Mas fique embora a cargo desse historiador philosopho e erudito, que ainda se não sabe se ha-de apparecer, o tratar a historia da inquisição. Nós diremos apenas o que se passou entre ella e um feiticeiro, d'entre tantos centos delles, que lhe correram pelas mãos.

Era o dia 7 de Novembro de 1617, e pelas ruas da antiga cidade de Evora caminhavam alguns homens em direcção ao palacio do tribunal do Santo Officio. Antes porem de transporem o limiar da porta fatal, para alem da qual tudo é mysterio [e ai de quem ousou penetra-lo!] se lhe offereceu naturalmente aos olhos no alto da mesma porta o branco marmore, em que se vê esculpida a cruz, a oliveira, e a espada. Ao fitar a vista neste significativo emblema, um dos da companhia estremeceu, e porque? porque se lhe figurou ouvir do alto daquella cruz uma voz, que dizia, —sabei ó vos, que entraes, que se de bom coração abraçardes a cruz do Salvador, e seguides a sua fé, tereis a paz, que á minha direita vos offerece a oliveira; se porem descrerdes ou abjurardes sua santa lei, esta espada será até aos copos cravada em vosso perverso coração.—E ao coração deste homem aprazia pouco esta linguagem; porque era elle Luiz de la Penha, o mais famoso dos magicos e feiticeiros, que por aquella porta entrára. Já passa muito de dois seculos que se sumiu da face da terra, e ainda vive na tradição do povo eborense, ainda hoje as velhas avós contam a seus netos proezas e maravilhas de Luiz de la Penha. Nós não contaremos contos de velhas, mas seguiremos a verdade de irrefragaveis documentos. (*)

No magnifico sallão, em cujo topo se via [e ainda hoje se vê] um grande e primoroso painel do St.^o Christo, estavam os ministros do tribunal da fé sentados por ordem de suas precedencias. Perante elles é introduzido o réu, que acaba de chegar do retiro do carcere em que jazia.

Inquisidor — Quem sois, e como vos chamaes?

Réu — Luiz de la Penha me chamo, posto que por ahí mais conhecido seja pelo nome de João de la Penha. Nesta cidade nasci, e aqui tenho sempre residido.

Inquisidor — Sois accusado de exercitar a damna-da arte da magica e da feitiçaria. Dizei, se tendes, alguma cousa em vossa defeza.

Réu — É verdade, Snr.^s, que ha 19 annos, curo, e

adivinho por auxilio d'uma potencia invisivel. Mas, sabeis que esse povo conta por ahí muita fabula a meu respeito. A verdade ora vo-la direi toda sem disfarce. Sendo eu ensinado por certa pessoa a fazer uma devoção para invocar o demonio; repetindo-a uma noite me appareceu uma visão negra em figura de mulher, que me assombrou, e sem lhe fallar cousa alguma cahi em terra. Na noite seguinte estando deitado na minha cama ouvi uma voz, sem ver cuja era, que me disse — eu sou o espirito que hontem te appareci; e te digo que em meu nome hades deitar tres pedras em um poço; e quando estas pedras sabirem delle, e as tornares a ver na tua mão, será signal do pacto e concerto, que comigo fazes. Se assim o não fizeres, conta que te heide atormentar, pois que com tua oração me invocaste. Eu sou Asmodeu, e com Asmodeu não se zomba impunemente. Mas, certo de que serás digno dos meus favores, te digo que quando quizeres saber alguma cousa, nas noites de terça e quarta feira deitado na cama de bruços me invocarás dizendo “eu te conjuro da parte de barrabás e satanaz, caiphaz, e lucifer que me appareças em figura de mulher negra, e me digas o que quero perguntar-te”, e então adivinharás assim as cousas futuras, como as que acontecem longe; farás vir pessoas de longe em breve espaço de tempo, e ficarás grande propheta de modo que andará todo o mundo apoz de ti. — E com effeito, Snr.^s, cada vez que eu fazia esta invocação, se tinha candeia, me apparecia em figura ás vezes de mulher formosa, e se estava ás escuras não via a figura, mas dizia-me ao ouvido o que eu queria saber; como era as doenças, que algumas pessoas tinham, se eram causadas de feitiços ou não, e o lugar em que estavam os feitiços; e por esta ordem adivinhava tudo o que queria. E por outra vez me sahi fora da cidade ao oiteiro de S. Bento, aonde o mesmo demonio me appareceu em figura de anjo resplandecente, e na sua presença me feriu com uma faca no dedo minimo da mão esquerda: eis-aqui a cicatriz [e appresentou o dedo]; e tirei sangue, e o enterrei em uma cova em signal do pacto e familiaridade, que entre nós ambos ficaria. E me puz de joelhos diante delle, dizendo que arrenegava da fé catholica, e renunciava a agua do baptismo, que tinha recebido, e os mysterios da missa; e o fiquei adorando e venerando como a Deus, e por sua honra queimei alecrim, incenso, e outros perfumes. —

A este tempo se descobriram no rosto do réu claros signaes de estar possuido do espirito das trevas; aos inquisidores se arripiaram os cabellos; tremeu a mão ao notario: e a não serem as boas reliquias, de que sempre andavam munidos, não escapariam facilmente d'algum enxovalho do jurado inimigo dos filhos de Adão. Serenada porem esta imminente tempestade, um dos inquisidores, dirigindo-se para o réu, lhe disse em termos affaveis.

— Errado caminho tendes andado por suggestões do máu espirito. A vossa alma está votada á eterna condemnação, se não aproveitades esta unica occasião de vos arreponderdes de vossas enormes culpas, detestardes o demonio, e vos converterdes á verdadeira lei daquelle Senhor [e apontou para o crucifixo] que por nós padeceu a morte affrontosa, que vedes representada. Não serve de embargo a vosso arrependimento o sangue mourisco, que ainda vos gira pelas veias.

O réu não deu signaes de compunção. A este tempo uma grave difficuldade attrahia toda a attenção do tribunal. Os bons dos inquisidores entraram sinceramente na duvida se o seu réu tinha em verdade com o diabo o pacto e familiaridade, que affec-

(*) Declarámos a nossos leitores que todos os factos, que referimos de Luiz de la Penha [á excepção de mui insignificantes circumstancias inseridas para ornato da narração] são extrahidas das relações dos autos da fé, da sentença, cuja copia vimos, e de mui fidedignas noticias, que pessoa, a quem muito respeitámos por seu saber e qualidades, teve a bondade de nos ministrar, tiradas do proprio processo, que depois de extincta a inquisição teve entre mãos.

tara, ou se era um impostor e embusteiro. Desejavam mórmente esclarecer-se sobre se o culto, que elle tributava ao demonio, era de latria, ou de hyperdulia; e miudamente o interrogaram a esse respeito.

— Certo, Snr.^s, que muito me tem ensinado o diabo; mas taes cousas como essas, nem eu as sei, nem creio que elle as saiba. —

— Pois bem, retirai-vos; e já que vos não movem nossas caritativas admoestações, e continuaes na vossa impenitencia; no potro confessareis as vossas culpas. —

Não tardou muito que o nosso feiticeiro estendido no potro não clamasse com voz de moribundo.

— Misericordia, Srn.^s, misericordia. Eu sou um embusteiro, um impostor. Nunca adivinhei; e se adivinhára, bem vedes, Srn.^s, que me não achára agora neste logar. —

— Soltai-o; que descance; e que depois venha fora de tormento rectificar perante nós sua confissão. Que bem sabido é que no santo tribunal da inquisição não tem valor confissões em tormento, se fóra delle não são rectificadas. —

Livre dos gumes do potro hia esquecendo ao nosso feiticeiro sua confissão, e novamente tentou insistir na verdade de suas primeiras declarações. Mas admoestado pelo advogado seu defensor que não levantasse aleives a si mesmo, como cahido em si pediu em mesa perdão de seus erros, e com juramento protestou ser dahí avante verdadeiro christão, e nunca em tempo algum reincidir mais em suas execrandas culpas.

— Aceitámos, responderam os inquisidores, a vossa conversão e arrependimento, que parecem sinceros: relevámos-vos da excommunhão maior, em que incorrestes: mas cumpre que façais abjuração em fóra no auto de fé; que sejais instruido nas cousas necessarias á salvagão de vossa alma; e para escarmento publico useis em quanto vivo fordes do habito de penitenciado. —

Vistoso foi em Evora o auto da fé de 19 de Maio de 1619. Sahiram 120 réus: 84 homens, entre elles Luiz de la Penha, e 36 mulheres; e d'entre ambos os sexos 12 relaxados em carne, que tiveram a honra de ser queimados na augusta presença d'elrei Philippe 3.^o, do principe, princeza, e infante. A mais agradável festa, com que se podia solemnisar a chegada do rei das Hespanhas e das Indias, era um grande auto da fé.

Eisahi temos solto o nosso feiticeiro. Pelas ruas d'Evora gritavam os moços desenvoltos — passa fóra cão, feiticeiro, herege — e era Luiz de la Penha que passava, cabisbaixo, trajando o importuno sanbenito, que lhe não recordava sua antiga gloria, se não para lhe fazer mais agra sua actual humiliação. Não pôde Luiz de la Penha supportar tanta execração e vilipendio. Com licença do Santo-officio transferiu sua residencia para a Villa de Ferreira. Respirou mais livremente, e não se lembrando que a inquisição era omnipresente tornou ao antigo fadario e conversação com o demonio. Segunda vez entrado nos carceres da inquisição confessou que Asmodeu lhe apparecia não só a elle, mas ás pessoas, que o acompanhavam em figuras extraordinarias de homens, mulheres, cobras e outras similhanças, e novamente lhe concedêra os antigos poderes para adivinhar, curar enfermidades, achar thesouros, e outros prodigios.

“O que tudo visto e bem examinado; e como assim pela prova e testemunhas da justiça ratificadas, como pela propria confissão do mesmo réu judicialmente recebidas, se mostra que elle réu depois da dita abjuração tornou a reincidir nos

“mesmos erros, que tinha abjurado, com o mais que dos autos consta: tendo somente a Deus diante dos olhos, e a irrefragavel verdade da fé, e extirpação das heresias: *Christi Jesu nomine invocato*: julgam e pronunciam o réu Luiz de la Penha por verdadeiro relapso no crime de heresia e apostasia, e por tal o declaram, e que incorreu em sentença de excommunhão maior, e em pena de confiscação de todos seus bens applicados para o fisco e camara real, e nas mais em direito contra simillhantes estabelecidas. E porque a igreja não tem mais que fazer com o réu, por usar mal da misericordia, que no primeiro lapso lhe foi concedida, e se fazer indigno della, posto que a pediu, o relaxam á justiça secular, aquem pedem com muita instancia se haja com elle benigna e piedosamente, e não procedam a pena de morte e effusão de sangue.”

A inquisição tinha a delicadeza de não proferir sentenças de pena capital; mas a clausula ultima e banal não obstava a que a Relação não mandasse á fogueira os que eram entregues á sua piedade. Luiz de la Penha acabou garrotado e queimado no rocio de Evora em domingo 26 de Novembro de 1626, quando contava 45 annos de idade. Dois dias durou este auto da fé, em que sahiram 66 homens, e 66 mulheres: relaxados 4.

J. H. da C. R.

OS CEGOS E OS TORTOS CONSIDERADOS COMO OBJECTO DA POESIA.

Não ha objecto algum na natureza, por mais secco e esteril que pareça, que, sendo tratado por uma imaginação fecunda, não possa dar interessante materia a um poema. Nem só teem sido cantados os prodigios e sublimes quadros do universo, as estações e os jardins, a physica e a botanica. Tambem teem dado exercicio ás pennas dos poetas cousas de muito menor valia, o vidro e o enxofre, o chocolate e o café, as perolas e os morangãos. Até dos proprios defeitos physicos tem a imaginação do homem sabido tirar partido para a composição de poemas. O P.^o José Agostinho de Macedo, que no *discurso preliminar* do seu *Newton* deu um mui extenso catalogo de poemas sobre objectos da natureza, teria feito um grande achado se soubesse da existencia d'um poema portuguez inedito, não indigno de figurar entre tantos estrangeiros que nomeia, intitulado *Monoclea*. Tem por objecto celebrar os *cegos*, os *coctes*, e os *tortos* mais notaveis na mythologia, e na historia antiga e moderna. Não é um poema heroico, nem heroico-comico, nem didascalico, porque no enredo e distribuição das partes sae fóra das regras d'Aristoteles e de Horacio. — Ah! então é romantico, é romantico! — ouço exclamar alguém extasiado. Eu por mim digo que é um poema: não lhe sei o sobrenome; ponham-lh'o lá como quizerem. É um poema, porque tem metro e rima; é um poema, porque não é destituido d'invenção e d'imagens; é um poema finalmente porque seu A. assim lh'o chama; e quem, melhor do que elle, pôde conhece-lo?

É obra escripta nos principios do seculo passado. A epocha não é das mais felizes para a desenvolvimento do genio poetico: mas, honra seja feita ao nosso A., logo nas primeiras oitavas se declara conhecedor dos defeitos de Gongora e de sua eschola. Todavia lá se enxergam ainda seus laivos de gongorismo; aqui e alli apparecem suas antitheses forçadas, e phrases insignificantes; mas nodoas são estas, que bem compensadas ficam, se attendermos á novidade

e singularidade do objecto, e a quanto é difficil a um A. sair de todo fóra do caminho que costumam trilhar seus contemporaneos. Não julgariamos perdido o tempo e o trabalho que se gastasse com a impressão deste poema. E não gemem por ahi os prelos com tantas frioleiras e sandices?

Não acaba de sair á luz, traduzido na lingua portugueza, e impresso já no anno passado de 1839, em Lisboa, na typographia lisbonense, um livro em que se lê = *que não ha sobre a terra religião alguma verdadeira = que toda a religião exige por primeiro sacrificio uma renuncia total á razão = que a religião não póde ser a base nem o fundamento da moral = que a moral perde toda a sua pureza quando está associada com a religião, &c. &c.*? = Sim; tudo isto se escreve e se imprime; tudo isto se deixa correr impunemente por mãos de discretos e de ignorantes! — Se todos os altos funcionarios da nação fossem [como o traductor deste livro] propagadores d'uma tal doutrina, receio que nem ao menos seria dado o gosto de assistirmos a alguma sumptuosa festa ao Ente Supremo; porque nem ao menos ao pobresito do Ente Supremo de Robespierre dão quartel os nossos auctor e traductor. Em comparação delles fica o proprio Robespierre tido em conta de um grandissimo fanatico. Da boca de Robespierre ainda saíram estas palavras, que merecem ficar gravadas no coração de todos os atheus = *Quem te encarregou da missão de annunciar ao povo que a Divindade não existe; ó tu, que te apaixonas por esta arida doutrina, e que nunca te apaixonas pela patria? que vantagens achas em persuadir ao homem que uma cega força preside a seus destinos, e fere ao acaso o ciúme e a virtude; que sua alma não é mais que um leve sopro, que se extingue á borda do sepulchro? Não posso conceber como a natureza tenha podido suggerir ao homem ficções mais uteis que todas as realidades; e se a existencia de Deus, se a immortalidade da alma não fossem mais que sonhos, seriam ainda a mais bella de todas as concepções do espirito humano. . . . A idéa do Ente Supremo e da immortalidade da alma é uma recordação continua da justiça; e é portanto social e republicana. . . . O que supprime á insufficiencia da auctoridade humana é o sentimento religioso, que imprime nas almas a idéa d'uma sancção dada aos preceitos da moral por uma potencia superior ao homem. . . . Aquelle que poder substituir a Divindade no systema da vida social, é, no meu entender, um prodigio de genio: aquelle por quem que, sem a ter substituido, só pensar em banila do espirito dos homens, me parece um prodigio de estupidez ou de perversidade.* =

Perdoe-se-nos esta digressão; mas julgámos nos não afastavamos muito de nosso principal objecto; pois tratando de cegos e tortos, viemos a fallar d'impios e atheus, que, no seu tanto, não são pouco cegos e tortos.

Tornemos ao nosso poema. Tem por titulo = *Monocléa Poética, cantada por Simeam Antunes Freyre de Sancta Quiteria, Poeta Lisbonense, visinho da Corte Real.* = No prologo declara o A. que é *cocles*, e que esta qualidade o moveu a escrever em louvor de seus semelhantes. Consta de 151 oitavas, e começa:

1

O reino dos varões assignalados,
Que unindo a meia noite ao meio dia
Dos povos, que ficaram quebrantados,
Vendo da infausta luz a valentia:
E apesar de dois dedos cavalgados
Fazem felice a heroica monarchia,
Pedindo a sanfonina ao grande Homero
Com Monócula Musa cantar quero.

Para que os nossos leitores possam firmar melhor o seu juizo citaremos mais algumas estancias.

66

Tambem reinou, tambem foi rei sem susto,
Como é patente a todos, e é notorio,
Aquelle grande, aquelle heroe augusto,
Que o mundo appellidou Quinto Sertorio:
Sendo o heroe mais valente e mais robusto
Estava sua fama em mortuorio,
Até que sendo torto se fez grande,
Sem haver rei nem roque que tal mande.

67

Mas certa lei havia, que ordenava
Que quando algum d'um olho manquejasse,
A fortuna no throno o collocava,
Por que o reino dos cegos imperasse:
Sertorio, que esta lei não ignorava,
Para que nelle a lei se executasse,
Na guerra quebra um olho com braveza
Para signal da sua fortaleza.

A portuguez, que celebra illustres cegos e cocles,
não podia esquecer o grande Camões, de quem diz:

137

E o famoso Camões, esse portento,
Que só foi na epopea laureado,
Esse, cujo erudito entendimento
No mundo deu tão estupendo brado:
Esse, que foi na cara e no talento
Varão no mundo o mais assignalado,
De um olho claudicava de tal arte,
Que celebre se fez em toda a parte.

138

A Lisboa illustrou com tal despejo,
Que elle mesmo a cantou com musa ufana:
Põe tu, nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a gente lusitana:
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganippe corre e mana.
Este o ultimo foi, que o sceptro admira
Desde Tortosa até junto de Altamira.

J. H. C. R.

HISTORIADORES PORTUGUEZES.

IV.

Gomes Eannes de Azurara.

2.^o

Um acontecimento quasi fortuito nos impõe o dever de fazer um supplemento ao artigo impresso no numero 119 do Panorama ácerca do segundo historiadador portuguez, e tractando deste assumpto pedimos a devida venia ao erudito auctor de tal artigo. Alem das obras de Azurara, alli mencionadas, podemos acrescentar a chronica dos descobrimentos do infante D. Henrique, de que Barros se acusa de ter muito aproveitado. Até agora era opinião corrente que esta obra, da qual Barbosa se não esqueceu de fazer breve menção, levára descaminho como outros muitos documentos importantissimos daquella idade. Comtudo existe na Bibliotheca Real de París, sob o numero 236 (*suppl. franç.*), um esplendido e

mui antigo manuscripto portuguez, sem título, designado no catalogo = *Chronique de la Conquête de Guinée*, = e temos fundamentos para julgar ser a obra de Azurara, sendo um argumento quasi sem replica o terminar elle justamente no ponto em que Barros, que tem acabado de o citar, deixa tambem este assumpto para se occupar de outro mui diverso. É uma copia tirada por João Gonsalves, escrivão da livraria que elrei D. Affonso 5.^o ajuntára em Lisboa. Isto se deduz das seguintes palavras que se lêem na sua ultima pagina: "*Acabouse esta obra na livraria que este rei don Affonso fez em Lixboa dezoito Dias de fevereiro; seendo scripta em este primeiro vellume por Joham Gongalvez Scudeiro e scrivam dos livros do dito senhor rey. Ao qual senhor o muyto infindo benigno e misericordioso deos sempre quiera de boas obras e vertudes em muyto melhores de dias e annos de sua vida de bem em melhor acrescentar e lhe dar ffruito de bẽegom com que lhe de sempre Graças e Louvores porque el hé seu fazedor e criador no anno de Jhu — X po de mil e quatro centos e cinquenta e tres annos. DEO GRACIAS.*"

Nem se deve imaginar que este João Gonsalves se deve entender ser o escriptor; porque alem do citado argumento não deixaria tal autor de ser consultado e citado, como fez Barros com Azurara. — Nesta obra foi Azurara continuador de *Cerveira* [por ventura *Affonso*], cujos escriptos acusa de rudeza no estylo. É provavel que Cerveira não soubesse mais do que contar chaãmente o que vira, quando Azurara tudo queria enfeitar e complicar da maneira que as accumulações das datas tão bem caracterisam.

O Sr. Visconde de Santarem deixou de mencionar este Ms. no seu catalogo, e nós devemos esta noticia ao Sr. Denis, benemerito das letras portuguezas. De uma pequena nota que encerra o volume se conhece que elle estava ainda em Hespanha em 1702, e que fizera parte da bibliotheca de D. Juan Lucas Cortes. Talvez fosse este o Ms. a respeito das expedições do infante, que viu Fr. Luiz de Sousa. Part. 1.^a liv. 6.^o cap. 15.

Terminaremos este artigo com o lamentar que se Azurara merece elogio como historiador, por outra parte, na opinião do Sr. Visconde de Santarem, poucos creditos grangeou como archivista, contribuindo para destruir fontes historicas de factos anteriores ao seu tempo. Foi o caso. Era elle o guarda-mór da Torre do Tombo quando nas cortes de Lisboa de 1459 os deputados reclamaram a reforma dos reaes archivos da Torre do Tombo, a fim, diziam elles, de destruir os papeis e documentos que se julgassem inúteis. Propunham que se cohibisse a confusão que crescia cada dia, e que era necessario diminuir as despezas requeridas para se tirarem as copias exigidas nos tribunaes. Foi Azurara quem se encarregou da execução de tal medida sancionada por elrei. A proscipção foi, como era de esperar daquelles tempos barbaros, de tal natureza, que ficou até hoje sendo proverbial; e a não ser a camara do Porto e outras, o seu zelo barbaro acarretaria para a historia mais funestos resultados! *

CAUSAS DA DECADENCIA LITTERARIA EM PORTUGAL AVALIADAS NO PRINCIPIO DO SEculo PASSADO.

É SEM contestação que as artes e sciencias florecem em França, e que tudo contribue para augmento e conservação da republica das letras. Os homens scientes que se applicam ao estudo, qualquer que seja, tem toda a commodidade para se instruirem nas materias

que são do seu genio e da sua profissão. Ha muitas livrarias publicas aonde a entrada é livre e nellas assistem insignes bibliothecarios que informam os curiosos de todos os seus livros e suas materias Nas mesmas casas se acham homens scientes e geralmente instruidos em todo o genero de litteratura que não desejam mais que communicar as suas noticias, e praticar sobre ellas. Segue-se a facilidade das *officinas*, em que um A. acha prompto e commodo todo o ajuste que deseja para a impressão do seu livro. Os exames são feitos somente pelo chanceller de França, que tem certos censores que examinam com cuidado e diligencia o que lhe é commettido pelo dito ministro. Não pagam os auctores mais propinas que dois exemplares e é a necessaria para a livraria publica d'elrei: não é assim em Lisboa onde estas propinas absorvem quasi o ganho do pobre A. depois de uma dilação infinita de revedores em segredo e difficeis tribunaes. De tudo procede elrei de França ser mais poderoso, mais bem servido, mais bem aconselhado; porque o fructo das sciencias e das artes é crear vassallos com pericia em todos os estados da republica, assim na paz como na guerra, no commercio e sua economia. Daqui nasce a sua boa educação, e obediencia ao superior, o procedimento do homem honrado e tudo o mais de que depende a sociedade civil. — *Memorias ineditas de José da Cunha Brochado.*

THEOREMAS DE PLATÃO SOBRE A AMISADE.

A verdadeira amisade differe muito do amor carnal e immundo.

As amisades que começam na infancia são, ordinariamente, duradouras.

A amisade cifra-se na uniformidade dos animos e estudos, e na communicação de muitos objectos. — Não dá entrada á inveja.

O principal dever do amigo sincero é condemnar francamente os vicios do outro amigo, sem os dissimular.

Entre os amigos deve haver mutua e irresistivel inclinação, porque não ha amisade quando só um ama.

As causas que formam a amisade são a união e similhaça de costumes: — d'aqui nasce a igualdade de pensar e a igual inclinação para os estudos.

Só entre os bons póde encontrar-se a uniformidade que liga os corações. — Os impios e injustos não tem união nem estabilidade — não encontram concordancia nas consciencias, porque os não guiam nem moderam as regras da razão e da justiça. A verdadeira amisade só existe entre os bons, e nunca entre os malvados.

Deus introduzindo entre os homens a necessidade, uniu-os assim pelos vinculos do amor, e foi este um meio poderoso de os conservar reunidos em sociedade.

Para manter amisade firme e constante, convem que os amigos mutuamente se correspondam e se obsequiem.

A amisade é de summa importancia na vida social, e por isso é muito util que se propague e sustente.

É MUITO menor infelicidade para a igreja a falta de sacerdotes, do que ter um grande numero d'elles ignorantes e escandalosos . . . Não sei que tem o exemplo do prelado! Acaba o que nunca conseguiria com toda a força das leis e dos preceitos. — *D. Fr. Caetano Brandão.*